I.

Cerca de 70 dirigentes mundiais reuniram-se em Paris para assinalar os 100 anos do fim da Primeira Grande Guerra. Na ocasião, o presidente francês advertiu contra o nacionalismo, que chamou "o oposto do patriotismo".

Donald Trump classificou de insultuosas as declarações de Emmanuel Macron sobre a criação de um "exército europeu", para proteger o continente dos Estados Unidos, da China e da Rússia.

Partido Popular Europeu já tem candidato para o cargo de presidente da Comissão Europeia. É o alemão Manfred Weber, que vamos conhecer melhor hoje aqui no Magazine Europa.

II.

Emmanuel Macron, Presidente de França

Dez milhões de mortos, seis milhões de feridos e mutilados, três milhões de viúvas, seis milhões de órfãos, dois milhões de vítimas civis, um milhar de obuses lancados só sobre o solo francês.

Palavras de Emmanuel Macron, presidente francês, proferidas sob o Arco do Triunfo, em Paris.

Foi este domingo que se celebraram os cem anos do armistício da Primeira Grande Guerra. Cerca de 70 dirigentes mundiais participaram nas celebrações, em França.

Emmanuel Macron elogiou o patriotismo dos soldados que combateram nesta guerra. Sublinhou, no entanto, a diferença entre "patriotismo" e "nacionalismo", fazendo um paralelismo com os dias de hoje. Macron disse que "o nacionalismo é uma traição do patriotismo".

O Fórum para a Paz foi um dos eventos associados às comemorações. António Guterres, secretário-geral das Nações Unidas, relembrou os movimentos totalitários que se seguiram à Primeira Guerra Mundial.

António Guterres, Secretário-geral da ONU

Os anos 30 viram democracias serem varridas por uma onda totalitária. Não estamos hoje na mesma situação, mas constatamos uma polarização da vida política e da própria sociedade, que vai perigosamente erodindo os direitos e liberdades fundamentais, os princípios democráticos e o estado de direito.

Temos ao telefone desde Bruxelas, Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa.

Victor, que lições é que se podem retirar deste século já passado sobre a Primeira Grande Guerra?

A principal lição é de que existem rivalidades na Europa, sempre existiram, continuam a existir, e que é fundamental que haja uma união - a União Europeia - que permita resolver pacificamente essas rivalidades e permita aos diferentes estados europeus prosperar em conjunto, porque na realidade existem - sempre existiram - grandes diferenças entre os países europeus e às vezes essas grandes diferenças traduzem-se em conflitos e conflitos abertos, como foi a grande guerra de 1914-1918.

Emmanuel Macron falou sobre o patriotismo e o nacionalismo, disse que não são a mesma coisa. Em 2018, o nacionalismo é a verdadeira ameaca à estabilidade?

Certamente, põe em causa não só a continuação da União Europeia, como também volta a trazer para cima da mesa velhos fantasmas. Ou seja, nós voltamos a assistir às grandes manifestações, às grandes movimentações de populações à volta da questão da identidade nacional. E isso foi o que aconteceu neste passado domingo. Na altura em que se estava a comemorar o fim da Primeira Grande Guerra Mundial, aconteceu na Polónia, e em particular em Varsóvia, uma grande manifestação de rua dos nacionalistas polacos. E é evidente que esse tipo de manifestações - e nomeadamente vindas de uma nação que sofreu imenso, não só durante a Primeira, mas como da Segunda Grande Guerra, que é a Polónia - são evidentemente manifestações que nos preocupam. E que devem fazer com os dirigentes europeus - e foi isso que aconteceu com Emmanuel Macron - sejam muito claros de que o futuro da Europa é um futuro comum e não um futuro de nacionalistas extremos e um futuro em que os velhos fantasmas da história e os velhos fantasmas da opressão de um povo europeu por outro povo europeu vizinho, voltam à tona de água.

Isto tem que evidentemente ser resolvido e tem que ser dito claramente. E foi isso que o presidente francês fez.

Completaram-se também na semana passada os 80 anos sobre a "Kristallnacht" – a Noite dos Cristais, é essa a tradução do alemão para português - quando mais de mil sinagogas em Berlim foram queimadas, destruídas. Os vidros de espaços comerciais de proprietários judeus foram partidos. O aniversário fica também marcado também pelas declarações do primeiro-ministro francês Edouard Philippe, que diz que o número de ataques anti-semitas em França subiu quase 70%. Qual o lugar dos judeus hoje no velho

continente e como é que podemos explicar este ressurgimento de acções anti-semitas?

A proporção de judeus nas populações europeias é relativamente pequena. Nalguns países, é praticamente insignificante, como é o caso de Portugal. Em Portugal nós estamos a falar de cerca de 300 a 350 famílias de fé judaica.

E em França, evidentemente, e noutros países do Centro da Europa, em que havia uma maior presença das comunidades judaicas, essa presença continua a ser relativamente importante, embora muitas famílias francesas - e também de outras nacionalidades, mas sobretudo francesas - tenham optado pela emigração para Israel. Tinham no passado, muitos deles, emigrado para os Estados Unidos, mas agora nos últimos anos, muitos têm emigrado para Israel, exactamente por sentirem que tem havido novamente um aumento do sentimento anti-semita.

Aconteceu nomeadamente, por exemplo, o assassinato de duas ou três pessoas idosas em Paris nos últimos 12 meses, exactamente por serem de fé judaica.

Isso acontece porque neste momento, e nomeadamente dentro da sociedade francesa, existe um segmento relativamente importante de pessoas que tem as suas raízes no Norte de África e nomeadamente nas comunidades muçulmanas vindas de Marrocos e vindas da Argélia.

E alguns destes jovens, cujos pais ou os antepassados vieram do Norte de África, olham para a população judaica - que é população também francesa como eles - como se eles fossem os culpados daquilo que está a acontecer em Israel e entre Israel e a Palestina.

III.

Ainda em Paris, o presidente norte-americano também participou nas cerimónias do centenário do armistício da Primeira Guerra.

Donald Trump que ao aterrar na capital francesa deixou duras críticas à proposta de Emmanuel Macron de criar um exército europeu, como nos conta a jornalista Sofia Jesus.

A proposta de criar um exército europeu, feita por Emmanuel Macron, enfureceu Donald Trump.

Pouco antes de aterrar em Paris, onde participou nas celebrações dos 100 anos do armistício da Primeira Guerra Mundial, o presidente norte-americano deixou uma mensagem no *twitter*. Escreveu que o presidente francês sugeriu um exército europeu "para se proteger dos Estados Unidos, da Rússia e da China". Trump considerou "muito insultuosa" a sugestão, e sugeriu - e estas são palavras do dirigente de Washington - que "talvez a Europa devesse pagar antes a sua parte à NATO, que os EUA subsidiam

largamente".

Recorde-se que numa entrevista dada na semana passada à rádio Europe 1, o presidente francês apelou à criação de "um verdadeiro exército europeu" para melhor proteger o velho continente. Macron referiu-se às sucessivas ameaças à Europa, à intrusão no ciberespaço e à saída dos Estados Unidos do tratado de armas nucleares de médio alcance, concluído durante a Guerra Fria. Na sequência da reacção de Trump, o dirigente francês já veio afirmar que o exército europeu não tem como alvo os Estados Unidos.

+++

Sofia Jesus a dar conta da reacção de Donald Trump às declarações de Emmanuel Macron sobre a criação de um exército europeu para proteger o continente de países como a China, a Rússia e os Estados Unidos.

Victor, a verdade é que se fala cada vez mais desta ideia de um exército europeu, até como forma de reduzir a dependência dos Estados Unidos na defesa. Parece que é uma ideia que começa a ganhar consistência. Este exército poderá ser uma realidade? Nos próximos tempos não creio. Penso que a ideia de um exército europeu é uma ideia de longo prazo. É certamente uma ideia que convém manter viva. É uma ideia importante, a Europa é um território economicamente forte, precisa também de ser forte em termos da defesa e da segurança.

Agora as declarações do presidente francês, Emmanuel Macron, foram pouco diplomáticas. Ele fez bem em voltar a lembrar a ideia de que mais tarde ou mais cedo vai ser necessário ter um exército europeu, mas não foi diplomático ao dizer que esse exército europeu era para defender a Europa da Rússia, da China e até eventualmente dos Estados Unidos.

Eu nunca teria feito uma referência concreta a nenhum país vizinho ou não vizinho da Europa como sendo uma ameaça. E isso evidentemente foi falta de tacto e foi imediatamente explorado pelo presidente norte-americano Donald Trump.

Uma reacção diferente da Rússia...

Curiosamente, o presidente russo Vladimir Putin apoiou a ideia. Porquê? Porque na realidade ele viu naquilo que foi dito pelo presidente francês, não a existência futura de um exército europeu, mas uma maneira de minar a segurança europeia através de um ataque indirecto à presença dos americanos no continente europeu. E para os russos é fundamental que a presença americana no continente europeu diminua, a presença no continente europeu através da NATO seja, em certa medida, posta em causa. E, por

isso, o presidente Putin foi um dos raros presidentes a apoiar claramente aquilo que Macron disse.

A China não reagiu, por enquanto.

A China não reagiu, não vai reagir. E eu acho que de facto foi um erro o presidente francês mencionar quer a China, quer a Rússia e nomeadamente os Estados Unidos, evidentemente.

IV.

E ainda na actualidade europeia: O Partido Popular Europeu já escolheu o candidato para presidente da Comissão Europeia. É o alemão Manfred Weber, actual líder do PPE, que recolheu 492 votos dos delegados. Mais com a jornalista Marta Melo.

Manfred Weber. É este o nome do candidato do Partido Popular Europeu ao cargo de presidente da Comissão Europeia. Foi eleito na quinta passada, em Helsínquia, no congresso desta família política.

Weber, actual líder do grupo do Partido Popular Europeu no Parlamento Europeu, recolheu 492 votos dos delegados, contra 127 de Alexander Stubb, antigo primeiro-ministro finlandês. O alemão vai ser assim o *Spitzenkandidat* daquela que é actualmente a maior família política europeia à sucessão de Jean-Claude Juncker.

No discurso da vitória, o bávaro de 46 anos frisou que o Partido Popular Europeu quer ter "uma Europa democrática e ambiciosa". À família política, que integra PSD e CDS-PP, pertencem nove chefes de Governo da União Europeia e 14 comissários europeus, além de Juncker, do presidente do Conselho Europeu, Donald Tusk, e do presidente do Parlamento Europeu, Antonio Tajani. Manfred Weber junta-se assim oficialmente ao socialista holandês Frans Timmermans na lista dos *Spitzenkandidaten* já anunciados.

Victor, é quase certo que Manfred Weber venha mesmo a ser o próximo presidente da Comissão Europeia?

Que é o candidato do centro-direita, isso é certo, e que conseguiu ser eleito com uma grande maioria, também é verdade. Quanto ao facto de se saber se Manfred Weber vai ou não substituir Jean-Claude Juncker, eu parece-me que, neste momento - embora ele tenha muitas hipóteses - essa questão continua a ser uma grande interrogação. Porque na realidade, o Conselho Europeu é quem vai propor o nome de quem deverá presidir à Comissão Europeia, ou seja, quem deverá suceder a Jean-Claude Juncker. E o Conselho Europeu não é inteiramente favorável á ideia de que seja o líder da família política mais votada para o Parlamento Europeu. E

nomeadamente o presidente francês é uma das pessoas, um dos dirigentes políticos de estados europeus que se opõe a esse tipo de modalidade, ou seja, que se opõe a essa maneira de fazer as coisas.

Ele pensa que o Conselho Europeu deve ter liberdade para escolher quem quer propor e depois caberá ao Parlamento Europeu aprovar ou não a proposta vinda dos chefes de estado e de governo que se sentam no Conselho Europeu.

A verdade também é que o Parlamento Europeu tem vindo a ganhar força e que esta ideia do "candidato líder" é uma ideia que tem muita, muita força no Parlamento Europeu e isso evidentemente dá muitas hipóteses a Manfred Weber em termos de poder ser o eventual sucessor de Jean-Claude Juncker. Mas nada ainda está exactamente definido.

Weber entrou cedo para a política. É precoce em várias frentes. Também é o mais novo entre os presidentes de todos os grupos parlamentares do hemiciclo. Que pontos jogam a favor e contra este alemão. Que perfil é que se pode resumidamente traçar deste candidato?

Manfred Weber é de facto um jovem e em certa medida isso representa a renovação das elites políticas europeias. E isso é importante numa altura em que tem havido muita crítica das elites tradicionais e daqueles que se mantêm no poder durante muito tempo. Tem também a vantagem de ser um moderado. É uma pessoa que é conhecida pela sua capacidade de criar pontes e de obter compromissos e equilíbrios e isso é muito importante. É também um pró-europeu capaz de lutar pela União Europeia. E é também, evidentemente, alguém que tem muita experiência parlamentar numa altura em que nós estamos a ver o Parlamento Europeu a crescer em termos de presença institucional em Bruxelas. E não só. O Parlamento Europeu é cada vez mais uma voz importante na tomada de decisões que tenham a ver com o futuro da União Europeia.

Tem alguns inconvenientes. Um dos inconvenientes é certamente o facto de ser alemão, e isto permite a varias vozes dizer que há aqui uma tomada de poder pela Alemanha que tem de ser travada, porque na realidade os alemães já ocupam várias posições de poder dentro das instituições europeia. Isso evidentemente cria algumas ondas negativas noutros países, sobretudo em países que tiveram historicamente dificuldades com a nação alemã. Também tem como inconveniente o facto de ser muito próximo de Viktor Orbán, o primeiro-ministro da Hungria. O ser próximo de Viktor Orbán, numa altura em que Viktor Orbán é considerado como uma das ameaças à continuidade da União Europeia, não é certamente um cartão-devisita muito recomendável.

O facto de não ter integrado nenhum governo é um ponto negativo? Certamente, a tradição tem sido de que o presidente da Comissão Europeia tenha sido ou um antigo primeiro-ministro ou um chefe de Estado, e isso evidentemente pode ser utilizado por quem o queira atacar como um ponto fraco. Mas também é verdade que um dos melhores presidentes da Comissão Europeia, Jacques Delors, tinha sido apenas Ministro das Finanças, e durante um período relativamente curto, e passou directamente para presidente da Comissão Europeia. Ou seja, houve agui uma situação que não é exactamente um precedente, mas que pode ser utilizada por Manfred Weber para dizer que não é necessariamente obrigatório da Presidente Comissão Europeia tenha responsabilidades ao nível da direcção de um Governo ou de um Estado e que existe mesmo um exemplo de que alguém que não tinha esse tipo de experiência foi um excelente presidente da Comissão Europeia.

V.

Voltamos à análise da actualidade europeia com Victor Ângelo para a semana.

Terminamos o Magazine Europa de hoje com a habitual nota cultural: O Museu do Fado, em Lisboa, vai celebrar no próximo dia 20, duas décadas de vida. O programa inclui a edição de um CD de novos talentos, como Diogo Varela e Francisco Salvação Barreto, e uma exposição sobre Maria Teresa de Noronha, entre outras iniciativas. De destacar um dos eventos: de 23 a 27 de Novembro, a História do Fado é contada num espectáculo de 'video-mapping' projectado na fachada do Museu, em Alfama, três vezes por noite. O Museu do Fado, instalado na antiga estação elevatória de águas daquele bairro lisboeta, abriu as portas a 25 de Setembro de 1998. O Magazine Europa regressa para a semana. Até lá.

[Ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa. As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia. O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +. Estamos no Facebook em Magazine Europa.